

Histórias de Mulheres, Empoderamento e Ativismo Político¹

Historia de Mujeres, Empoderamiento y Activismo Político

Women's Histories, Empowerment and Political Activism

Maria Luzia Miranda Álvares

Resumo: neste artigo, são apresentados alguns relatos de experiências e os desafios para que associadas dos movimentos de mulheres do Pará tenham acesso ao empoderamento político-partidário. Avaliam-se outras demandas e fatores que influenciam o empoderamento, sem visar interesse para a competição eleitoral. Tal abordagem foi subsidiada pelas informações coletadas durante a pesquisa “Os Movimentos de Mulheres e sua Atuação no Avanço das Carreiras Femininas nos Espaços de Poder Político” (2008-2011, CNPq).

Palavras-chave: mulheres, empoderamento, ativismo, desafios.

Resumen: en este artículo, se presentan algunos relatos de experiencias y desafíos para que las asociadas de los movimientos de mujeres de Pará tengan acceso al empoderamiento político partidario. Se evalúan otras demandas y factores que influyen el empoderamiento, sin visar interés para la disputa electoral. Tal abordaje fue subsidiado por las informaciones recogidas durante la investigación “Los Movimientos de Mujeres y su actuación en el Avance de las Carreras Femeninas en los Espacios de Poder Político” (2008-2011, CNPq).

Palabras clave: mujeres, empoderamiento, activismo, desafíos.

Abstract: this paper brings some accounts of experiences and challenges aiming to assist the members of women's movement of the State of Pará, northern Brazil, in their way towards political and party empowerment. Non-electorally motivated demands and factors that have influenced women's empowerment are evaluated as well. The research called “Women's movements and their role in promoting women's careers within the political spheres of power” provided the data for this study. The referred research was carried out from 2008 to 2011 and funded by The National Council for Scientific and Technological Development (CNPq).

Keywords: women, empowerment, activism, challenges.

¹ Este artigo foi originalmente publicado nos **Anais do I Congresso Pan-Amazônico e VII Encontro da Região Norte de História Oral** (Belém/PA). A republicação do texto na revista www.generonaamazonia.ufpa.br foi devidamente autorizada pela coordenação dos eventos, a quem agradecemos.

Maria Luzia Miranda Álvares é Professora Associada 3 (IFCH/UFPA). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento/NAEA e Doutorado em Ciência Política/IUPERJ, com ênfase em estudos eleitorais e partidos políticos, participação política das mulheres e relações de gênero. É Coordenadora Regional do OBSERVE e do GEPEM/UFPA.

E-mail: luziamiranda@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Os movimentos de mulheres e feministas e sua atuação no avanço das carreiras femininas nos espaços de poder político” projeto proposto pelo GEPEM/UFPA ao CNPq-SPM (2008-2011), ressaltava um problema transnacional - sub-representação das mulheres nos espaços de decisão política – e uma avaliação, entre outros objetivos, sobre os caminhos dos debates dos movimentos de mulheres e feministas no Pará, considerando os acordos de Beijing (1995) e as atuais Metas para o Desenvolvimento do Milênio (MDGs) pelas Nações Unidas, com uma assertiva e duas questões: a) os movimentos de mulheres têm registrado/ contabilizado presença significativa nas demandas e no controle das políticas públicas conquistadas, com ênfase em agendas estimuladoras ao empoderamento feminino. Considerando essas ações relativamente à formação de lideranças, pergunta-se: a) que ações foram desenvolvidas por esses movimentos, incentivando as associadas para acesso aos cargos formais de representação parlamentar e/ou majoritários, conforme sugerido na Carta de Beijing e no II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2008)?; b) essas ações influenciaram/encorajaram diretamente (ou não) o acesso das associadas aos cargos formais, e de que forma e em que proporção isso se deu?

Neste sentido, e considerando que os recursos pessoais acumulados e o padrão de representatividade social, que constroem atuando nos movimentos de mulheres e em suas bases locais de moradia, podem ser fatores de incentivo para possível carreira política, o *core* deste projeto objetivou/intencionou identificar a contribuição dessas organizações, relativas a capacitações de suas associadas, estimulando-as ao empoderamento e interesse para a competição eleitoral. E com base nessa problemática, foi formulada a hipótese de dependência: a atuação dos movimentos de mulheres e feministas, entre as suas associadas, incentiva-as na formação de uma cultura de empoderamento estimulando candidatarem-se aos cargos parlamentares e/ou majoritários numa competição eleitoral.

Quanto às técnicas para o levantamento dos dados – além de questionários, entrevistas gravadas, observação direta e participante, uso de caderno de campo e câmera fotográfica – foram privilegiados dois procedimentos de aprofundamento das entrevistas e conhecimento detalhado do cotidiano dos movimentos de mulheres: – História Oral – usada, em parte, na aplicação dos questionários; e o Simpósio “Democracia e Participação Política nos Movimentos de Mulheres e Feministas no Pará²”, por meio do qual foram coletadas/registradas evidências das atividades das mulheres associadas nos movimentos, em narrativas /depoimentos pessoais durante o evento.

Desse material, foram extraídos os conteúdos para elaboração do artigo **Histórias de Mulheres, Empoderamento e Ativismo Político**³, no qual, por meio de dados estatísticos e de relatos particulares, serão analisadas as duas fases do processo metodológico usado na pesquisa, relativo ao trajeto social e acesso das associadas dos movimentos de mulheres ao empoderamento.

1. Os Movimentos de Mulheres no Pará: atores, cenas e cenários em nível local

1.1. Categorias e conceituação

Os movimentos de mulheres e feministas integram-se, em gênese, aos movimentos sociais. São vertentes que traduzem seu programa de reivindicações políticas pelos direitos das mulheres na ação coletiva e, como os seus congêneres mais ampliados, intentam provocar as mudanças necessárias em parte ou no todo das instituições sociais que abrigam padrões normativos de regras patriarcais. Procuram criar uma nova

² Evento ocorrido nos dias 5 e 6 de maio/2012, no GEPEM/UFPA, e que representou a síntese e finalização do projeto de pesquisa.

³ As/os bolsistas Carla Moreira, Keyla Araújo, Murilo Figueira e Thiago Paiva fizeram parte da equipe do projeto **Os movimentos de mulheres e feministas e sua atuação no avanço das carreiras femininas nos espaços de poder político** e contribuíram na primeira versão deste artigo.

ordem social, esgarçando o preconceito e a desigualdade que atingem secularmente esse gênero. Antes de considerarmos as diferenciações entre movimentos de mulheres e movimento feminista, o olhar conceitual remete a uma simplificação sobre os movimentos sociais.

Num amplo estudo sobre a ação coletiva, a cultura e a sociedade civil, Jeffrey C. Alexander (1998, p. 1) considera que:

O termo movimentos sociais diz respeito aos processos não institucionalizados e aos grupos que os desencadeiam, às lutas políticas, às organizações e discursos dos líderes e seguidores que se formaram com a finalidade de mudar, de modo freqüentemente radical, a distribuição vigente das recompensas e sanções sociais, as formas de interação individual e os grandes ideais culturais.

⁴ O assunto deste enfoque referencia dois conceitos que às vezes são tomados como sinônimos. Ao considerar que o termo feminismo não contempla, necessariamente, o de associações de mulheres, desenvolvo alguns diferenciais subjacentes na teoria social que estuda estas categorias.

⁵ “São movimentos sociais que exibem uma heterogeneidade de objetivos e formas de associação ou de organização” (cf. Outhwaite & Bottomore, 1996, p. 493).

Este autor desenvolve um estudo apoiado na discussão de Alain Touraine, sociólogo francês, visando abordar o relacionamento entre movimentos sociais e sociedade civil na representação do neofuncionalismo (cf. ALEXANDER, 1998, p. 1-48).

Dentre os novos movimentos sociais, os movimentos de mulheres e feministas merecem destaque, pois transformaram profundamente a sociedade. Há, contudo, um diferencial que opera entre esses dois conceitos traduzidos por alguns autores como o aspecto moderador de certos antagonismos subjacentes em expressões

ideológicas contrárias ao feminismo. Sobre este caráter, é necessário uma explicação.

1.2. Feminismos & movimentos: heterogeneidade, objetivos e organização⁴

Os “movimentos de mulheres” antecedem o movimento feminista⁵. Desde a Antiguidade Clássica até à contemporaneidade, estes movimentos têm surgido fazendo história.

Outhwaite & Bottomore⁶ apontam três questões analíticas para evidenciar o caráter e a variedade do movimento de mulheres. A primeira é a “necessidade de diferenciação entre os vários graus de ação social (coletiva), de tal forma que o *movimento* significa um avanço qualitativo e quantitativo com respeito às formas de solidariedade ou de associação que podem ser em pequena escala, dispersas e relativamente de pouco poder”. Exemplificam com um movimento baseado em uma “cultura de mulheres” incluindo redes de comunicação, clubes e círculos literários.

⁶ Outhwaite, William & Bottomore, Tom, 1996. Este texto utilizará as asserções destes autores da pág. 493 a 496, sobre o movimento de mulheres e o feminismo.

A segunda proposição diz que “...o feminismo pode ou deve gerar objetivos capazes de ter uma aplicação universal”, entendendo-se dessa questão que “...os objetivos do feminismo estariam sujeitos a alguma variação e diferentes movimentos formularam suas prioridades de acordo com isso”, a exemplo do que ocorreu com as feministas negras e do Terceiro Mundo ao criticarem a hegemonia de um discurso de inclusão de que as “mulheres de todas as classes sociais e de todas as religiões, necessariamente, partilhavam interesses e laços de solidariedade”. Nesse sentido, a proposta deste grupo era de uma “visão diferenciada dos interesses das mulheres como sendo formados por fatores tais como classe e etnia, de modo que podiam levar as relações de dominação e subordinação entre mulheres”. Isto quer dizer que em que pese a base militante articular-se como ação coletiva e objetivos comuns, a “solidariedade entre as mulheres não era dada somente pelo fator gênero”.

A terceira questão diferencial entre os dois movimentos “gira em torno dos objetivos que os movimentos de mulheres, em oposição aos confessadamente feministas, têm tendido a buscar”. Historicamente, os movimentos de mulheres surgem “com base nos papéis das mulheres na família”, implicando na luta pelo provimento de “necessidades básicas ou por direitos de cidadania”, com duas características-chave: identificam-se com “construções sociais particulares de feminilidade e maternidade” com o envolvimento político das mulheres como “extensão natural de seus

papéis na família e sentimentos primordiais intrinsecamente femininos”. E a outra, como função desta, é da formulação “dos objetivos de suas ações em termos amplamente altruístas, e não em termos destinados a promover seus interesses pessoais como mulheres”.

Se a teoria social evidencia esses diferenciais para as duas categorias de movimentos, para o feminismo ela mostra, no entanto, que há feminismos (no plural) desde a variação do conceito liberação (BOBBIO & PASQUINO, 1995, p. 486-89). O feminismo emancipacionista – entendido/considerado/tido como herança dos movimentos do Século XIX, e o outro, contemporâneo, fase extrema e de superação da luta pela exigência de igualdade jurídica, política e econômica em relação ao homem-- amplia esse conceito para tratar do respeito à diferença das mulheres e a busca de novos valores visando à transformação social.

Ao discorrer sobre feministas e movimentos de mulheres, sem dispersão desses referenciais, deve-se considerar que as duas categorias integram-se, articulam-se, interagem e promovem o objetivo central de

⁷ Há uma rica literatura para tratar de feminismos e movimentos de mulheres, no âmbito nacional e internacional. Destaco os meus referenciais: Alvarez, Sonia (1988); Costa & Sardenberg (1994 a); Costa & Sardenberg (1994b); Costa (2005).

suas lutas que é o da valorização das mulheres como ser humano. Costa (2005, p. 2), analisando o ressurgimento do feminismo nos anos sessenta e a relação com os demais movimentos contestatórios, empresta a tese de Alvarez (1990, p.23) e evidencia um dos pontos mais importantes dessa nova trajetória, elaborando uma conceituação comparativa exemplar:

O movimento ressignificou o poder político e a forma de entender a política ao colocar novos espaços no privado e no doméstico. Sua força está em recolocar a forma de entender a política e o poder, de questionar o conteúdo formal que se atribuiu ao poder as formas em que é exercido. Distingue-se dos outros movimentos de mulheres por defender os interesses de gênero das mulheres, por questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir dos papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres, pela definição da sua autonomia em relação a outros movimentos, organizações e o Estado e pelo princípio organizativo da horizontalidade, isto é, da não existência de esferas de decisões hierarquizadas⁷.

É com esta filosofia que as feministas brasileiras interagem com os movimentos articulados de mulheres e implementam suas práticas de discussão da/na esfera pública e sobre o conceito de político. Nessa acepção, será demonstrada a polarização das agendas de articulação das mulheres para o tempo da conquista de espaços, nos lugares da decisão política, e de melhorias da qualidade de vida por meio das ações de empoderamento.

2. Empoderamento & Trajetória Política das Associadas dos Movimentos de Mulheres

O conceito de empoderamento tornou-se eixo central dos debates sobre os temas da inclusão/exclusão dos sujeitos sociais aspirantes a uma identidade construída mediante a participação no poder público, avaliando-se os *déficits* das mulheres no âmbito do poder, quer no plano formal das normas institucionais, quer no da cultura. Nas últimas décadas, houve generalização desse conceito na esfera internacional, nacional e local para contemplar, primeiro, a exclusão da pobreza nos países do sul asiático, seguindo-se a situação das mulheres (cf. J. ROWLANDS, 1997 apud LÉON, 2001).

A ampliação do uso do conceito diluiu seu significado e criou ambivalências e contradições, visto que a pressuposição desse conteúdo refere-se à conquista do poder. Dessa forma

empoderarse significa que las personas adquieren el control de sus vidas, logran la habilidad de hacer cosas y de definir sus propias agendas. Al relacionarse con los intereses de los desposeídos de poder, el término se toma como expresión de un cambio deseable, sin ahondar en las especificidades que tal cambio implica; es decir, sin precisar su significado (MAGDALENA LEÓN, 2001, p. 96).

Esse processo de empoderamento referido, incluindo o autorreconhecimento do poder adquirido na conquista de capital social, subsidiou a elaboração e aplicação das questões relativas à trajetória

⁸ Política formal se refere às instâncias institucionais: partidos, governo, representação política, eleições. Nessa linha, considero política formal a que incide em participação política restrita aos cargos institucionalizados por eleições ou indicações às instâncias de poder político.

pessoal das associadas dos movimentos de mulheres enfocados na pesquisa, assim também a avaliação das estratégias e técnicas utilizadas pelos movimentos para capacitação política formal⁸ por meio de eventos temáticos com esse enfoque. Assim também, outras questões delinearam o cenário, a cena, os bastidores e os atores sociais responsáveis por essas atividades de formação.

Nessa intenção, em treze questões, foram explorados os meios, os modos, os temas e os mediadores da educação informal em programação de estudos disponível às associadas. Desse modo, foi possível observar que as lideranças nas cidades onde residem, e em relação a variados temas: organizam (92,98%) e ministram (72,8%): cursos (72,81%); palestras (71,93%); seminários (52,63%); encontros(50,88%); reuniões(85,96%); plenárias (14,91%), ressaltando-se que entre os ministrantes incluem-se também pessoas de partido e outros atores sociais, que intercambiam informações específicas.

Considerando que o processo de empoderamento converge para a demanda pela informação qualificada que assegura às mulheres o maior conhecimento sobre a autonomia, ou seja, a capacidade de elas decidirem sobre questões/aspirações/objetivos que lhes interessam alcançar/concretizar, foram elencados 20 temas de múltipla escolha, supondo-se a possibilidade de estarem na agenda de discussões das associadas.

Neste sentido, os assuntos mais assinalados com percentual acima de 70% foram referentes a: programas de geração de emprego, renda e capacitação (76,32%); violência doméstica e sexual (71,93%); política de apoio aos pequenos produtores (70,18%); políticas de atenção integral á saúde da mulher (70,18%).

Na faixa percentual de 60%, encontram-se outros temas registrados fortemente: direito à moradia, à educação, à bolsa família (68,42%); participação política e o direito de as mulheres se elegerem aos cargos

políticos (66,67%); estratégias de ação para acesso à educação; geração de renda e cultura (64,91%); combate à discriminação no trabalho (63,16%); desigualdade de gênero e seu impacto sobre as mulheres (63,16%); peso do trabalho doméstico (reprodutivo) e do trabalho fora de casa (produtivo) (60,53%).

Receberam apoio em 50% das assertivas do *script* temas como: autorreconhecimento como pessoas humanas, com direitos individuais (59,65%); história da luta das mulheres nos locais onde residem (57,02%). Tiveram percentual equivalente de respostas: acesso a terra, políticas públicas e programas dos governos contra as desigualdades no trabalho, na casa e na política (53,51%). Outro tema centrado em questão localizada⁹ ficou nessa faixa: eleições, campanha, filiação e militância partidária (50,0%).

Em relação aos assuntos respondidos na faixa de 40%, requerem atenção: previdência social às mulheres (48,25%); aborto legal e seguro (47,37%); história da cidade onde vivem e o que representam na sociedade (46,49%).

Desses temas, dois se situaram na política formal e foram menos mencionados, embora presentes na considerada “faixa nobre”, ou seja, entre os que ultrapassaram os inscritos numa outra perspectiva de recolher capital social para fortalecer o empoderamento perspectivado (o da dimensão tangente às demandas aos cargos de decisão política): participação política e o direito de as mulheres se elegerem aos cargos políticos; eleições, campanha, filiação e militância partidária.

As informações dos questionários foram fundamentais para consolidar/entender a definição de política e processo de empoderamento inscritos nas demandas do II PNPM, “Capítulo 5 – Participação das mulheres nos espaços de poder e decisão: objetivos, metas e prioridades” –, no qual também se inscreve um “Plano de ação”¹⁰ e se detalham

⁹ Considerou-se o termo “localizado” porque não é um evento de atenção sistemática, ocorrendo de dois em dois anos.

¹⁰ O texto em referência foi publicado em 2008, com 236 p., 2ª. reimpressão em 2009, consubstanciado pelos debates nacionais da II Conferência de Política para Mulheres, que agregou as diversas abordagens das conferências estaduais realizadas entre os movimentos de mulheres dos 27 Estados brasileiros.

as carências que atingem as mulheres, ocasionando que sejam sub-representadas nas diversas instâncias de decisão política, e desse modo, historicizando a cultura sexista causadora da ausência desse gênero nos cargos parlamentares e executivos, e da baixa insistência delas em competir. Nessa acepção, vale ressaltar que algumas mulheres, mesmo propondo suas candidaturas nos períodos eleitorais, não obtêm êxito em decorrência de vários fatores, desde o formato do sistema eleitoral – embora as cotas de sexo pareçam ser impositivas para a melhoria da presença delas nas listas partidárias – às estratégias, geralmente partidárias, como a desigualdade no tempo de exposição na mídia, carência de recursos de financiamento de campanha e (precisa ser dito), também, autoexclusão do processo por se compararem/julgarem em inferioridade competitiva com os parceiros homens. A preocupação com a fluência da oralidade, a suposta falta de “postura política”, a inibição à exposição pública são alguns entre vários artificios do “jogo político” duro, articulados nos pleitos eleitorais, que celebram as artimanhas do sexismo na sociedade política que cobra um modelo e não contempla quem não está nos padrões já absorvidos pelo eleitorado.

Para detectar essas nuances, em maior ou menor intensidade, entre os objetivos da pesquisa, foi priorizada a identificação de quais temas/formas

¹¹ Essas questões geraram estudos que o grupo da pesquisa está fazendo internamente, com base na exposição das associadas presentes ao Simpósio “Democracia e Participação Política nos Movimentos de Mulheres e Feministas no Pará”.

de discussão subsidiavam o entendimento, pelas associadas dos movimentos de mulheres, sobre empoderamento, de modo a pleitearem acesso aos cargos de representação parlamentar e majoritários, entendendo-se o processo diferenciado para essa situação específica¹¹.

Provocando um resultado que se detivesse em temas mais específicos da política formal, nove outros tópicos foram agrupados em múltipla escolha objetivando sondar se entre as associadas ocorriam eventos temáticos de capacitação ou palestra com esse enfoque.

Os resultados apontam percentuais abaixo dos que foram dados aos assuntos de ênfase do cotidiano na comunidade. Tema como Democracia e Cidadania (47,37%) presentifica-se nos debates que se realizam sobre os direitos da mulher e os 20 tópicos sugeridos para apontar quais os que mais registram uma demanda de capacitação entre as associadas podem incluir esses dois conceitos. O tópico sobre Partidos Políticos se nivela ao anterior (47,37%). Sequencia-se Participação Política (44,74%); Política partidária (42,5%); Eleições (42,98%); Campanha eleitoral (36,84%); Empoderamento das mulheres para os cargos de decisão política (34,21%); Política partidária (34,21%) ; Reforma do sistema político brasileiro com base nos I e II PNPM – SPM/PR (25,44%); Reforma do sistema eleitoral(19,30%).

Outras questões precisavam aclarar o cenário compondo-se a cena, os bastidores e os atores sociais responsáveis por essas atividades de formação político-cultural: quem organiza, onde ocorre e quem ministra essas capacitações?

Pelas informações prestadas, 92,98% dessas atividades são organizadas pelas coordenadoras do Movimento, nas cidades onde residem. Quanto aos ministrantes, a maioria (73,68%) aponta pessoas de partido, embora outros atores sociais intercambiem essas informações mais específicas.

3. Mulheres em/dos Movimentos(s): ação, atuação e invenção de (novas/velhas) formas de empoderamento

Historicamente, na democracia representativa moderna, a ausência das mulheres da cidadania política tornou-se uma batalha do sufrágismo, pois este considerava que por meio do direito ao voto as mulheres teriam o apoio institucional necessário aos direitos naturais de liberdade e igualdade inscritos nos princípios democráticos. Essa conquista deu margem ao reconhecimento de que os benefícios da institucionalização da cidadania ampliariam as demandas políticas das mulheres por equidade de gênero e por *empowerment*. Contudo, a dimensão cultural revelada nos baixos índices

de mulheres filiadas aos partidos ou na representação parlamentar seguiram duas situações históricas vividas por este gênero: a baixa motivação para a carreira política e a submissão a um comando familiar para inscrever-se no partido. No primeiro caso, há toda a relação de exclusão que ela viveu em torno da participação política, desde a entrada tardia na cidadania civil e política às opções pessoais percorrendo outros interesses, não constando entre estes a atividade político-eleitoral. No segundo caso, a cooptação familiar dos chefes políticos conduzindo, para dentro do partido, homens e mulheres para garantir a legalidade da criação do partido, como filiadas/os-“laranja”, não racionaliza a importância delas em competir, pois servem apenas como “peso numérico” para o partido.

¹² Utilizou-se este procedimento como medida descritiva, buscando identificar as situações, eventos, atitudes ou opiniões entre as associadas do movimento de mulheres.

A pesquisa *survey*¹², como instrumento exploratório, favoreceu testar as evidências do processo da baixa motivação das mulheres na competição eleitoral, assim também verificar o comportamento desse grupo engajado em uma associação, em torno do fenômeno eleitoral e sua forma de participação político-partidária. Dezoito itens do questionário foram centrados na identificação dos partidos, meios de acesso à trajetória político-partidária e reconhecimento das cláusulas de recrutamento.

Ficou demonstrado que 58,77% das associadas são filiadas a um partido, sendo este o interesse inicial demonstrado para cultivar a área da política formal. Contudo, deve ser avaliada a convocação de pessoas, pelos dirigentes partidários locais, para compor o número de filiados necessários à abertura de uma seção do partido, que oficializa o registro de criação dessa organização e dá peso a sua manutenção na arena competitiva.

Ao identificar em quais partidos essas associadas estavam inseridas, observou-se que das associadas filiadas a um partido, o PT recebe o maior percentual (56,72%), seguindo-se o PCdoB (10,45%), PMDB (5,97%), PTB e PDT (4,48%), e o PSB, PSC e PSDB (2,99%). Os demais partidos

citados são: DEM, PMN, PP, PPS, PSDC e PV(1,49%). Das 114 associadas, 41,23% não se filiaram a nenhum partido, embora se evidencia que mais da metade projeta seu ativismo inscrevendo-se formalmente na organização partidária ou havendo uma opção suprapartidária entre elas.

A distribuição do tempo de filiação também é um dado interessante e demonstra que há associadas filiadas desde a década de 1970 até ao ano da eleição. Porém, observa-se que tanto o registro maior de duração entre 6 a 20 anos quanto o de 11 a 20 anos têm o mesmo percentual (22,39%). Os dados que referem um tempo de filiação de mais de 20 anos (16,42%) contestam o que alguns estudiosos sobre partidos anglo-americanos referem a respeito da existência de uma queda mundial de filiações partidárias, nesse período (MAIR & BIEZEN, 2001).

3.1. “Bastidores” do cenário investigativo: atores, odisseias e travessias singulares

Devido a inúmeros fatores, na maioria das viagens realizadas aos municípios paraenses em dois anos de atividades, as/os pesquisadoras/es viveram a própria odisseia para chegar ao local da visita. Desde a situação do clima amazônico ao transporte utilizado para atingir os municípios, além de os contatos nem sempre estarem presentes na hora marcada para os encontros e das dificuldades para alcançar a meta: reconhecer as características do movimento de mulheres. Alguns integrados a grupos de mães; outros constituídos em grupos apoiados em objetivos de melhoria da comunidade, ou em movimentos de mulheres dentro de associações ou sindicatos mais amplos que se agrupavam para suscitar conquistas pelos direitos das mulheres trabalhadoras, como é o caso dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs) e os Movimentos Sociais da Reserva Extrativista (RESEX). Além desses, foram contatados os movimentos de mulheres na área urbana distribuídos ou setorizados na área rural (MMCC e MMEPA) e os regidos por setores dos estatutos partidários e também setorizados nos municípios: União Brasileira de Mulheres UBM-seção Pará, do PCdoB; O FMAP - o Fórum de Mulheres

da Amazônia Paraense; Conselho Estadual dos Direitos das Mulheres. Estes movimentos reúnem um conjunto de mulheres com características, traços, objetivos e interesses comuns e agregam representantes de todos os movimentos de mulheres urbanos e rurais e da sociedade civil, cujos membros são apontados ou eleitos como corpo consultivo e/ou deliberativo e/ou administrativo, das atividades públicas ou privadas dos direitos das mulheres, se mantendo divididas em zonas de ação municipais e estaduais, no combate defensivo dos direitos das mulheres na circunscrição territorial.

3.2. Formas de Ativismo: narrativas sobre práticas de empoderamento

O Simpósio “**Democracia e Participação Política nos Movimentos de Mulheres e Feministas no Pará: cenários, práticas de empoderamento e espaços de decisão política**” reuniu, em um espaço da UFPA, 22 movimentos de mulheres do Estado do Pará. As sessões foram dedicadas à exposição dos relatos das experiências das associadas e suas formas de ativismo. Algumas apresentaram em vídeo as imagens

¹³ Dos 21 depoimentos das mulheres da zona rural presentes no Simpósio “Democracia e Participação Política nos Movimentos de Mulheres e Feministas no Pará”, foram extraídos apenas cinco devido às exigências de páginas do presente texto. O nome social e relatos foram publicizados, mediante autorização das depoentes, conforme constam nos termos de cessão de direitos por elas assinados e arquivados no GEPEM/UFPA. Para preservação da originalidade da informação, foi mantido o registro linguístico coloquial.

do trabalho que fazem em sua associação e outras trouxeram seus materiais de formação e os produtos por elas fabricados no capítulo referente à política de geração de emprego e renda. Seus relatos são representativos de uma história singular de trajetórias, possibilitando avaliar o enfoque e as práticas dessas mulheres para criarem maneiras de empoderamento nas arenas da política formal. Neste sentido, enfatizam uma trajetória cotidiana de ativismo que as conduz às demandas de políticas públicas, por meio do enfrentamento contra a pobreza e a violência de gênero, assim também campanhas pela melhoria da comunidade onde vivem. É o que se constata nos depoimentos a seguir¹³.

➤ Associação de Mulheres de Jacundá

Bom dia! Para todos e todas. É um prazer imenso estar aqui com vocês, agradecer ao GEPEM pela brilhante iniciativa.

Meu nome é Maria Ene da Silva Lisboa, conhecida como Ene, sou da Bahia, cheguei em Jacundá em 1991. Foi uma trajetória muito forte. Quando cheguei aqui cheia de gás pra poder conhecer a Transamazônica, e foi em cima de um censo demográfico e eu me inscrevi, perguntaram se eu queria ficar na área urbana ou rural e eu preferi urbana e me jogaram pra Maracajá próximo a Pacajá que ainda pertencia a Jacundá e eu viajei nove quilômetros a pé. Nasci em Itabuna, mas me criei em Salvador. Já pensou sai da capital pra Transamazônica e isso foi uma experiência terrível. Hoje se me disserem assim – “era você mesmo?” e me beliscar eu não tenho certeza, eu não tenho coragem de fazer o mesmo percurso que eu fiz naquela época, hoje de jeito nenhum.

Então eu vim pra Jacundá e fui me envolvendo em comunidades, sindicatos dos trabalhadores rurais, e convidada pra abraçar a causa da aposentadoria que o sindicato tinha resgatado. E eu fui uma das pessoas que fui pra lá e ficar com essa parte. E depois achamos por bem criar uma associação de mulheres. Porque as mulheres lá eram muito sofridas, não tinham um órgão que lhes representassem e aí juntamos, eu e outras companheiras lá, com a Maria de Jesus que é vice-prefeita, outra é ex-vice-prefeita Elciene e tantas outras lá, juntando assim um grupo de sessenta mulheres e fundamos a Associação de Mulheres de Jacundá, em noventa e dois.

Então a associação de mulheres chegou a um ponto lá - que nos éramos uma cidade um tanto violenta - foi uma entidade que na época puxou, inclusive, juntamente com outras entidades, a discussão pra tirar o prefeito do governo. Era muita pistolagem e conseguiu com o governo do estado a intervenção e lutou, lutou muito, vem lutando por essas causas, tá entende. Conseguimos tirar o prefeito, a mulherada enfrentou, tomou a frente da prefeitura, os homens as laterais e o prefeito não entrou não, porque ele estava com a liminar se ele entrasse ele era prefeito. mais de mil mulheres na frente da prefeitura e aí isso foi em noventa e nove e dois. Graças a Deus, veio um outro administrador que melhorou a situação do município e aí foi quando nós lutávamos muito pela criação do conselho tutelar, fizemos fórum, enfim, e conseguimos fazer com que o prefeito, o novo prefeito criasse o conselho tutelar. Quando entrou o presidente Lula que criou a Secretária Nacional da Mulher e então nos precisávamos da Secretária Municipal da

Mulher, então em 2006 nós criamos o conselho, a ADMUJ, associação de mulheres na frente puxando essa causa, criou-se o Conselho Da Condição Feminina em 2006. E em 2007 nós viramos a peteca: vamos criar a Secretária Da Mulher, a SEPOM hoje está aí atuando, basta dizer que a ADMUJ foi quartel, foi abrigo, foi uma série de coisas. Quando as mulheres sentiam atingidas, violentadas corriam pra lá. hoje ela tá aí em ativa e já temos, graças a Deus, o Centro de Referência em Jacundá, está com uma estrutura boa. Nós já temos então uma associação de mulheres, um conselho da condição feminina, temos a secretária da mulher e temos o Centro de referência Maria do Pará. nós perdemos uma mulher, foi assassinada justamente no momento em que estava reunida com o juiz na cidade, pedindo apoio, mais apoio, Eu agradeço a todos, obrigada. (Aplausos).

➤ **Associação de Artesão de Canaã dos Carajás**

Bom dia a todos e a todas. Sou Maria Juciária de Souza Gomes e é com muita alegria que estamos aqui representando as mulheres de Canaã do Carajás e agradecer a todos vocês estão de parabéns, vocês foram lá na fonte vivenciaram eu não tive isso, eu fiz Letras.

Desde dois mil e cinco que eu cheguei em Canaã dos Carajás. Pela Igreja Católica nós começamos a desenvolver esse trabalho, cada grupo de quatro já forma um grupinho pra depois formar toda a associação Então são os princípios básicos da economia solidária, , um outro mundo acontece, um outro mundo é possível.. Mas têm homens também. No dia do artesanato nós fomos pra praça pública mostrar tudo que é feito, Há outro grupinho, mas esse é específico de roupas para dama de honra, aluguel e vai alugando essas roupas para a comunidade. Há colchas, foi bem interessante, porque nós fomos numa empresa, lá tem a Vale e antigamente eles jogavam os uniformes fora. Ai nos fomos lá e – Pode doar esses uniformes que estão velhos? E nós começamos a fazer colchas e essas colchas estão sendo vendidas para os empresários

Há a casa onde só se faz os consertos, Esta roupa que eu estou vestindo foi confeccionada por elas, quinze reais eu estou vestida. (risadas) A serigrafia é outro grupo, a reciclagem, fazem os brincos, dos refrigerantes, os banners - vamos em cada empresa pedindo, não jogarem fora que nos vamos fazer as sacolas e vendemos bastante

na feira em Salvador, da agricultura familiar. Produção dos pufes e arranjos, A distância é muito grande, então elas vão ensinando o que elas sabem, é uma troca dentro da economia solidária, o que outra sabe vai passando pra outra. Há a cestaria em jornal, a arte do saber reciclagem em jornal, vai para os leitores lerem depois da leitura vai para a cabeça que tem um chapéu. Temos uma loja no centro da cidade, também. Todos chegam lá pra comprar algo e não acredita. – Eu quero falar com a dona! Mas têm quarenta donas, ai é difícil. Outro dia chegou um vereador lá e foi conferir se as etiquetas estavam no nome da artesã e se era mesmo de várias donas. Há a agricultura familiar que extrai o mel, através do mel vem o pão de mel, derivados, o licor e o noni, vendemos bastante é um sucesso e a nossa horta que contamos também com homens. No fundinho da nossa casa tem a oficina, a rede também é feita, o grafismo – ela olha pra você e desenha, olhando assim alguns minutos. Produzimos vaso de areia, papelão e areia, colares, sandálias, tapetes, ponto russo e tapetes com a malha, a roupa da malha, enfim, ai vamos mandando pra outra comunidade de mulheres. Nós começamos a montar nosso museu com as ferramentas da agricultura familiar. Por que isso? Porque temos a mulheres precisava ter essa história, do pilão, de várias coisas mostrando como era o plantio do feijão, a enxada, enfim, essas coisas, e estão indo lá visitar pra não perder essas origens, saber por que o meu pai é agricultor, eu tenho que saber depois repassar. Então é um pouquinho disso, Canaã do Carajás é uma cidade ainda bebê. Tem um provérbio: “Muito pequena em lugares pequenos fazendo coisas pequenas mudarão a face da terra”. Canaã dos Carajás tem dezesseis anos sobre formação política saímos três, mas nenhuma chegou a vencer, uma chegou a cem votos outra com cinquenta e não chegamos a lugar algum, assim, no momento, mas o que eu acho que ainda precisa da formação, nós ficamos assim, temos que estudar, temos, a pergunta foi essa: o que nos temos e o que nos queremos. Temos que estudar.

Então nós estamos engatinhando pessoal. Então é isso que eu tenho pra contribuir, muito obrigada a todos vocês. (aplausos)

➤ **Associação de Mulheres de Dom Eliseu**

Bom dia! Às meninas e aos meninos eu quero agradecer ao Gepem em nome da professora Luzia, a vocês que fizeram um trabalho maravilhoso, por vocês serem jovens, vocês estão no caminho certo.

A Associação de Mulheres de Dom Elisen foi fundada no dia vinte e cinco de fevereiro de dois mil, registrada no dia vinte de junho de dois mil e as primeiras mulheres enfrentaram muitas dificuldades, elas não encontraram apoio, muitas abandonaram, a entidade ficou de dois mil até dois mil e nove sem nenhuma atividade, registrada, mas sem nenhuma atividade. Quando a ex-presidente me chamou. – Eu vou passar a entidade pra você, pra ver se você dá andamento a entidade. A entidade foi construída no intuito de garantir os direitos da mulher. Porque o nosso município é um município hiper violento, já houve muitos casos de assassinatos de mulheres continua até hoje, estupro de dentro da família de pai com filhas e irmãos, tios. Nós temos um alto índice de prostituição na fronteira, um alto índice de criminalidade, de criminalidade infantil, infanto-juvenil, adolescentes, também tem tráfico de drogas porque lá é o roteiro das drogas, tem pistolagem, têm muitos assaltos a bancos e a associação foi feita pra isso. Mas quando eu peguei a entidade muitas mulheres, muitas delas perguntaram. – Mas nós vamos ter o que em troca? Eu disse saber, conhecer os seus direitos. E eu comecei com capacitação. Porque o nosso município era um município madeireiro, o extrativismo vegetal lá chegava a 90% e quando o IBAMA começou com aquele projeto dele lá do fogo que incendiou todo mundo mesmo, acabou com todo o extrativismo.. Nosso município está entre os trinta e sete municípios que mais devastaram a natureza no país e se viu numa miséria completa, pessoas passando fome, pessoas sem dignidade nenhuma, tem o bolsa família, mas não atinge a todos não tem como, não dá conta. Pessoas estão a mercê da marginalidade e começamos a fazer a capacitação com higiene pessoal, ovos de páscoa, bombons de chocolate pra que as pessoas tivessem renda, nós temos muitas mulheres guerreiras, muitas mulheres que estão indo a luta, as mulheres rurais, nos temos o exemplo da Maria do casulo, do Projeto Casulo que ela é uma ruralista que trabalha, batalha, ela enfrenta todo mundo, ela vem aqui em Belém consegue recursos pras mulheres ruralistas. Nos temos a Associação de Idosos que são nosso parceiro, eles nos pedem pra ir lá com eles ajudar nas suas festas, fazer capacitação, fazer palestra, a associação de mulheres faz palestra sobre os direitos da mulher, os direitos das crianças e adolescentes, nos também temos um alto índice de contaminação pelo vírus HIV. Só da Associação de Prevenção a AIDS nós temos um histórico de dezenove óbitos fora as outras entidades, Nós temos na média de duzentos e oitenta pessoas contaminadas, nos temos mulheres de programa sob a nossa responsabilidade, mas não pode denunciá-las,

só quem pode denunciá-las é quem foi contaminado, mesmo sabendo, aconselha, chama, conversa e elas dizem: - Eu não vou morrer sozinha. Entendeu! Então é um caso muito sério, nós estamos enfrentando esses problemas Então a nossa luta é muito grande nos estamos com o Conselho já engatilhado e o problema é que não encontra apoio, nem dos empresários, já conversei com o secretário de assistência, ele: - Ah, vamos ver, vamos ver. Eu disse: - Rapaz, a associação de mulheres tem um objetivo muito grande, ela tem poder no município! Ela tem poder de angariar recursos, de lá fora buscar só que é muito difícil. eu sou uma mulher guerreira e lutadora. Muito obrigada. (aplausos)

➤ **Movimento de Mulheres Campo e Cidade de Tucuruí e Regiões**

Sou Maria Nunes e me chamam de Fezinha. Obrigada a todos, a todas. Primeiramente nós queríamos agradecer a Deus por estarmos aqui nesse momento maravilhoso que ele nos proporcionou. Parabenizar a professora Luzia, que tem sempre esse compromisso com essa classe de mulher, vendo essa necessidade que nos temos da luta; queremos dizer a todos e a todas as acadêmicas que vocês são o futuro do Brasil e o futuro é assim, vocês são gente que faz. O histórico do nosso movimento de mulheres é transversal, quer dizer trabalha todas as políticas públicas da mulher. Foi criado em 1978, motivado pela construção da barragem no município de Tucuruí onde ocorreu tráfico muito grande de mulheres e a exploração sexual. (...) Naquela época nós fomos obrigadas a criar o movimento pra poder defender as mulheres que estavam morrendo que estavam sendo exploradas e que realmente eram tratadas como um trapo. Nosso movimento tem um direcionamento: criar outros movimentos de mulheres, associações de bairros, outros grupos como o grupo mais recente que nos temos agora. Na política nós somos poucas, mas também nos somos muitas mulheres que não são doadoras de sangue, nos criamos agora o Grupo pela Vida no município do Breu Branco, onde nós temos 43 mulheres doadoras de sangue. A participação do movimento: nós temos participação em todos os conselhos criados nos municípios, , porque nós temos que estar lá porque lá é que a fiscalização das políticas públicas pra poder ter o melhoramento da nossa sobrevivência dentro do município, dentro do estado. Também fazemos parte do MMCC do estado, o qual tem uma regional que trabalhamos uma parte do sul e sudeste do Pará. Não trabalhamos 100% porque nossas pernas são curtas, mas 50% aonde

pode alcançar vai. Nosso objetivo principal sempre foi o enfrentamento da violência contra as mulheres. Agora focamos na violência psicológica que nós sabemos que a violência que fica escondida, a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que leve aos danos emocional e diminuição da autoestima que prejudica e perturbe o pleno desenvolvimento que visa desagradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões mediante ameaça.

O empoderamento das mulheres nós decidimos dizer assim: - chega de ser rabo e vamos ser cabeça. O que quer dizer isso? Que antigamente era só secretária, vice de conselho fiscal, agora não, nós estamos partindo pra que nós vamos ser presidente, coordenadora e ser cabeça, sabe, nos estamos lutando, nesse ano agora 2010, 2011, nos elegemos três companheiras importantes pra nós dentro do município que foi no Sindicato Rural dos Médios Produtores Rurais, na STR, que é a segurança dentro do trabalho dos vigilantes. Aonde nós lutamos só tinha homens não tinha mulheres, mulheres não podiam ser vigilantes nos primeiro fomos pra justiça pra poder colocar vigilante lá, agora nos temos uma presidente da SIT lá dentro. É luta do nosso movimento lá, então com isso vê temos muitas brigas jurídicas, nosso movimento não tem assim:

Então a luta continua! Tem quinze anos que no estado não tinha mulheres mais fazendo curso pra soldados na polícia militar ai teve o PTP em Tucuruí e nós fomos pra cima, queremos a vaga, se não nos dá nos vamos embargar o curso de soldados, ai deram dez vagas, foi anunciado na rádio, ai o que acontece pega essas dez vagas, vamos selecionar mulheres pra ir pra lá, pra passar nessas dez vagas. Conseguimos as dez mulheres que foram, se formaram.

Na política partidária sempre apoiamos mulheres. Na última eleição apoiamos no nosso município uma dobradinha, o prefeito Saint-Clair e a vice Nilda, no qual hoje nós fizemos uma pesquisa no estado do Pará e nos pudemos ver que Tucuruí hoje é 60%, 70% do secretariado mulheres e isso facilitou muito nossa situação dentro do município porque onde nós chegamos com a situação das políticas das mulheres é bem mais atendida. Os nossos parceiros de capacitação de emprego e renda dentro do município, SINE, SIT, a Secretária De Desenvolvimento E Ação Social, Eletronorte, Colônia de Pescadores, Secretária De Educação, Estado, MMCC e outros. A aplicação das leis. A aplicação das leis é o que mais nos usamos. Nós queremos concluir assim: dizer que o nosso movimento dentro de Tucuruí pegou uma credibilidade que todo mundo

ajuda. Então com isso nós temos uma luta muito árdua e com isso nos temos Então são essas as políticas que trança dentro do nosso município de Tucuruí e também dentro de outros municípios que é comprometida com a nossa regional. Obrigada. (aplausos)

➤ **Associação da Mulher Timboteuense Margarida Barbosa**

Boa tarde a todos e a todas, eu sou a Nilcilene, sou da Associação da Mulher Timboteuense Margarida Barbosa, do Movimento de Mulheres do Nordeste Paraense que também se articula com Fórum de Mulheres da Amazônia Paraense, com a Articulação de Mulheres Brasileiras, com a FETAGRI. Ao mesmo tempo em que a gente está aqui representando a nossa organização a nível municipal está representando a nossa associação a nível regional. Vou iniciar contextualizando mais ou menos o que foi a fundação da Associação da Mulher Timboteuense Margarida Barbosa. Na década de setenta havia um movimento dentro da igreja católica denominado Pastoral da Mulher e ai quem vem dessa época sabe o que foi isso, foi onde as mulheres começaram a descobrir os seus direitos estudando a fé e a política. Então lá em Nova Timboteua não foi muito difícil, porque nos tínhamos uma irmã chamava irmã Lígia Constantino, muitos de vocês devem ter conhecido, inclusive a professora Luzia. Então a irmã Lígia Constantino e o padre Francisco que quem é de Terra Alta também deve ter conhecido, os dois defendiam a teologia da libertação e começaram a trabalhar essas mulheres dentro da igreja, essas mulheres uma vez conscientizadas dos seus direitos, a maioria trabalhadora rural, resolveram fazer uma ação dentro do Sindicato Dos Trabalhadores E Trabalhadoras Rurais que na época era somente de trabalhadores rurais, além do sindicato não ser representado por pessoas da categoria não eram trabalhadores rurais os dirigentes do sindicato e ainda tinha mais, a questão que as mulheres não eram consideradas trabalhadoras rurais, pois não tinham o direito a sindicalizar-se, elas eram dependentes dos seus esposos ou pai e ai elas acamparam no prosseguimento da luta acamparam por dez dias e dez noites no sindicato inclusive minha mãe e outras, algumas que foram entrevistadas como Nazaré Andrade, Áurea do Nascimento e Beatriz também acamparam por dez dias e dez noites, às vezes revezavam, porque como tinham as crianças e as mulheres muito responsável também pelos cuidados se revezavam, por exemplo, a minha mãe às vezes ia e nos deixava com a minha tia Áurea

e às vezes a minha tia ia e deixava os dela com a minha mãe e assim fizeram em todas comunidades é venceram a luta tanto das mulheres que conseguiram sindicalizar-se, conseguiram mostrar pra sociedade que queria e porque queriam sindicalizar-se e pela pressão também e pela luta maior que era o direito de ocupar o sindicato pela categoria. Em meados de 80 conseguiram essa conquista geral que foi essa última citada e as mulheres não conseguiram ser dirigente sindical, nem do rabo nem da cabeça, como já foi citado aqui pela Fezinha, esse ditado me chamou muita atenção. E qual foi o papel na Associação da Mulher Timboteuense, fundada em 1992? Foi trazer essas mulheres que já tinham início de preparação, que já tinham início de formação tanto bíblica quanto social e política, resgatar essas mulheres que já estavam desarticuladas dentro do sindicato e aí essa luta ainda existe até hoje, resultado disso, duas das mulheres ainda que vieram desse processo que continuaram na associação, ainda foram candidatas a presidente do sindicato, duas dessas exerceram seus mandatos mas saíram muito infelizes. Porque quando entraram no sindicato alguns homens que já estavam na direção ainda continuaram como referência, e as mulheres elas têm essas triplas, quádruplas, não sei lá das quantas, jornadas de trabalho e não conseguiam, por exemplo, ficar no sindicato de segunda a domingo às seis horas diárias, acabava que ficava às vezes meio turno aí tinha que resolver mil e uma coisas, inclusive cuidavam da limpeza do sindicato, não ficavam exclusivamente pra aquela função a qual foram atribuídas, aí por conta disso também perdiam a referência também não saiam muito pra se capacitar, etc. As duas saíram muito angustiadas não quiseram nunca mais pleitear cargos de direção e hoje atualmente nos temos mulheres que ainda estão na direção mas não nos cargos de cabeça de gestão que é a questão das finanças e a presidência, estão mais lá nas secretárias setoriais que é tipo, secretaria da juventude, secretaria da mulher rural. É um outro desafio nosso também fazer parceria a Associação da Mulher Timboteuense com o sindicato no sentido de ampliar essa luta das trabalhadoras rurais, a gente tem muita dificuldade. Primeiro, os dirigentes são muito machistas, vocês sabem disso, e na minha fala dá pra perceber, isso é uma situação da região toda, nós temos três municípios que as mulheres fizeram um bom trabalho a frente do sindicato que é São Domingos do Capim, Salinópolis e Ourém. As mulheres conseguiram de fato fazer um bom trabalho a frente do sindicato, isso porque o movimento de mulheres também não deixou a peteca cair, é formação, é acompanhamento, é assessoria. Então esse é ainda um grande

desafio do movimento de mulheres do nordeste paraense, é acompanhar essas lideranças que estiveram e que estão em cargo de gestão. Assim também na política partidária, as mulheres tem se desafiado a concorrer a cargos de política partidária, só que do meu município pelo menos da associação de mulheres nenhuma mulher se elegeu até hoje e ai a gente têm algumas conclusões. Primeiro, mulher não vota em mulher, segundo as mulheres não conseguem convencer as mulheres de que tem plataforma, uma frente de luta pra concretizar e também porque as mulheres não tem dinheiro pra competir com os candidatos e as candidatas que tem muito dinheiro, que compram votos, isso aqui não é nenhuma realidade somente de Nova Timboteua, talvez do Pará, do Brasil. Então é mais ou menos isso, a gente tem muitos desafios, um dos grandes desafios é continuar fortalecendo os movimentos, os grupos de mulheres, as mulheres dentro dos sindicatos pra estarem exercendo cada vez mais os cargos de poder pra também estar concretizando as políticas públicas que tanto merecemos e precisamos. Obrigada. (aplausos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se entre os objetivos originários para a construção do projeto intencionava-se avaliar quais ações os movimentos de mulheres realizavam para cumprir as metas dos protocolos assinados pelos governos e previstas na Plataforma de Beijing, em recentes convenções e nos I e II PNPM, objetivando influenciar a superação da desigualdade de participação das mulheres em cargos legislativos e executivos da democracia eleitoral, as questões motivaram a equipe a investigar que maneiras de empoderamento estavam sendo criadas de modo a capacitar as parceiras para o enfrentamento ao *status quo* que definia a política como “prática masculina”. No convívio com a realidade dessas associadas, o grupo se deparou com tipos de estratégias supostamente de negação da política que se queria ver/buscar, porém inseridas plenamente na arena que as acolhia em seus cenários de convivência, explorando a arte de fazer política ao seu modo, mas sendo esse outro lugar, o dos “bastidores” da cena social que para elas era a própria arena onde enfrentavam o sexismo, as discriminações, as normas de “bem viver”

e, acima de tudo, suas necessidades básicas – e da própria comunidade. A partir da tomada de consciência da natureza dessas necessidades/ desigualdades presentes no interior da sociedade/comunidade em que viviam, na condição de exploradas/discriminadas, avaliaram o próprio potencial e inventaram/inventam modos de como atuar para modificar essa relação. Criam parcerias, animam outras mulheres para “entrarem no ritmo” e assim, muitas vezes desconhecendo os resultados, avançam para o enfrentamento.

Em suas falas e nas respostas ao questionário, não se percebe a aproximação com o partido político, embora quase 60% delas sejam filiadas, sejam chamadas para integrarem as cotas de gênero e partidária em tempo eleitoral, além de fazerem o serviço de campanha. Esse detalhe é indicativo de que a organização partidária não é vista como elementos de primeira necessidade em suas maneiras de empoderamento para a política formal. Outro agravante para pensar o distanciamento entre movimentos de mulheres e partido político é que as temáticas específicas para capacitação ao empoderamento de indicativo político são pouco representativas para elas, também esboçadas nos dois instrumentos usados para o dimensionamento da situação. E nas suas falas, há uma ausência incondicional de referências aos partidos.

Entretanto, na perspectiva da equipe de trabalho da pesquisa houve reconhecimento de que há estratégias de empoderamento representativas dos tipos de atuação que emergem para a superação das desigualdades enfrentadas. E os mesmos se acham permeando tanto as respostas recolhidas nos questionários quanto as intervenções

¹⁴ Na cidade de Belém, somente duas mulheres foram eleitas vereadoras num total de 35 cadeiras, mas nenhuma pertencia a qualquer movimento de mulheres.

que fizeram durante o simpósio recente e, principalmente, quando se constata que dentre as associadas entrevistadas somente uma delas fora eleita num cargo parlamentar municipal em 2008.¹⁴

Aliás, reeleita, segundo confirmação da mesma, Denise Gabriel, para a Câmara Municipal de Paragominas¹⁵.

Deduz-se que estas associações de mulheres estão criando o capital social essencial para o bem comum através da confiança (a que Putnam refere) que demonstram no processo de reconhecimento de suas ações. Alinhado à tradição republicana, transversalizando Platão e Maquiavel, Putnam atribui ao civismo comunitário tanto um aspecto de mobilizador como o de criador de um conjunto de referências comuns sobre a realidade. Isso está proposto nas estratégias das mulheres dos movimentos que se envolvem no acesso às suas demandas principais organizando-se entre as parceiras de mesmo destino em suas comunidades sem atribuir tanta importância à arquitetura organizacional do poder político formal. Mesmo assim, exploram sua capacidade de participar do processo de decisão política, que para R. Dahl (2005) é criada por mecanismos de “treinamento social”. Então, no caso em estudo, verifica-se que as associadas reconhecem que não estão mais interessadas em ser o “rabo”, mas sim a “cabeça” nas situações e das funções políticas que lhes cabe conquistar, entretanto, ainda não perceberam, conforme os motivos expostos, que o específico da participação política formal ainda está necessitando de um “treinamento”, se não como desempenhar essa representação, mas pelo menos entrar “no jogo” para chegar às câmaras e prefeituras.

Finalmente, a síntese para esta conclusão é a de que:

- ✓ as associadas dos movimentos de mulheres estão cumprindo as metas do milênio (ODM-ONU) ao criarem suas estratégias de empoderamento;
- ✓ elas privilegiam as necessidades básicas de demandas de outras mulheres de sua comunidade e da própria comunidade;

¹⁵ É preciso atentar para as atividades relatadas por esta coordenadora, haja vista que intitulou o movimento com o nome de uma parenta e às vezes os “políticos” criam grupos comunitários para desenvolver suas políticas de beneficência para fins eleitorais. E Denise já está no terceiro mandato, o que é algo incomum.

- ✓ a política formal não está nos seus planos não só porque as evidências de situações hostis de enfrentamento como a pobreza e a violência doméstica se constituem numa linha de fogo para atingir a superação;
- ✓ não são estimuladas à competição eleitoral, sentindo-se discriminadas pelas lideranças dos partidos na escolha de filiados homens vistos com mais prestígio;
- ✓ o partido político não se importa, visto não investir, numa formação política para essas mulheres dos movimentos, muito mais interessados em fazer o “jogo” de articulação política com a “cara masculina” em tempo de eleição..

Possivelmente, há outras demandas para uma síntese desse porte, contudo, foram esses pontos que a equipe considerou, neste primeiro momento de leitura dos achados na pesquisa.

E ainda como registro final, convém propor:

- a) revisão das formas de empoderamento com a inclusão de mais uma ênfase, inclusão de discussões sobre as temáticas específicas aqui reveladas e que se acham empobrecidas de debates;
- b) sensibilização dos partidos políticos à presença das mulheres filiadas e a criação de uma agenda de formação para as mulheres independente do tempo eleitoral;
- c) fortalecimento de candidaturas femininas sem que isso represente a obrigação das cotas ou serviço partidário para uma integração com as suas demandas nessa área, sem esquecer as básicas pelas quais elas tanto lutam.
- Criar responsabilização para avaliar a relação partido & mulheres & poder, hoje, e enfrentar os resultados sem medo de perdas eleitorais. Mulheres são a maioria do eleitorado no Brasil!
- Um lema para tratar esse assunto de empoderamento e mudança de regras seria alterar a cultura política

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey C. Ação coletiva, cultura e sociedade civil. Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 37, junho, 2000.

ÁLVARES, M.L.M.. Projeto “Os movimentos de mulheres e feministas e sua atuação no avanço das carreiras femininas nos espaços de poder político”. Belém: GEPEM/UFPA; CNPq-SPM, 2008-2011.

ALVAREZ, Sônia. Politizando as relações de gênero e engendrando a democracia. In: STEPAN, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BOBBIO, N. Matteucci, N. e PASQUINO, G. (org.). *Dicionário de política*, 7ª Edição. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília, 1995.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. Brasília, 2004.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. Brasília, 2008.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE AS MULHERES, IV, 1995. *Declaração e Plataforma de Ação de Pequim*. Beijing, 1995.

COSTA, Ana Alice e SARDENBERG, Cecilia Maria. Feminismos, feministas e movimentos sociais. In. BRANDÃO, Maria Luiza e BINGEMER, Maria Clara (org). *Mulher e relações de gênero*. São Paulo: Loyola, 1994 a.

COSTA, Ana Alice. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. In: LABRYS, estudos feministas / études féministes janeiro / julho 2005 - janvier / juillet 2005. <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/> Acessado em 21/12/2007.

DECLARAÇÃO do Milênio. Cf . www.un.org/millenniumgoals

DOWNS, Anthony. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: EDUSP, 1999, (Clássicos 15).

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de gênero. *La Ventana*, núm. 13, 2001.

OUTHWAITE, William & BOTTOMORE, Tom, 1996 (org.). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

PUTNAM, Robert D. *Bowling Alone* apud NORRIS, Pippa. Tradução de Maria Luzia Álvares. www.pippanorris.com, 2003, p.1.